

A vida privada do homem público: Documentários audiobiográficos sobre políticos do Rio Grande do Norte (Brasil)

Divino Rufino da Silva Junior
 Juliana Bulhões Alberto Dantas
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Brasil)
 rufino.jr15@gmail.com, julianabulhoes.ad@gmail.com

Resumo

As atitudes dos políticos são constantemente publicizadas. A população, em geral, os conhece por seus posicionamentos e decisões no que se refere à coisa pública. Mas, muitas vezes, os cidadãos não têm acesso à verdadeira essência desses agentes. Longe dos boatos e fofocas de bastidores, o trabalho busca oferecer aos ouvintes um relato pessoal das memórias, sentimentos e anseios dos políticos. Neste ínterim, a proposta do documentário audiobiográfico *A vida privada do homem público* recai sobre a necessidade de preencher essa lacuna. Almejou-se desenvolver uma reflexão de natureza epistemológica, contemplando o rádio como objeto de estudo, que resultou em um produto radiofônico no qual o político do Rio Grande do Norte, estado localizado no nordeste do Brasil, tenha espaço para tornar pública sua história de vida, sob seu próprio ponto de vista.

Palavras-chave: *Comunicação. Rádio. Documentário audiobiográfico. Políticos potiguares.*

INTRODUÇÃO

A população, geralmente, conhece os políticos por seus posicionamentos, decisões e atos no que se refere à coisa pública. Desse modo, muitas vezes, os cidadãos não têm acesso às histórias de vida desses agentes. Afastando-se de boatos e fofocas de bastidores, o trabalho busca oferecer aos ouvintes um relato íntimo das memórias, sentimentos e anseios dos políticos potiguares. Neste ínterim, a proposta do programa de rádio *A vida privada do homem público* recai sobre a necessidade de preencher essa lacuna. Almeja-se desenvolver um produto radiofônico no qual o ser político tenha oportunidade de tornar pública sua história de vida, a partir de seu próprio ponto de vista.

Considera-se o rádio como a mídia ideal para o desenvolvimento do projeto devido a algumas especificidades do veículo. Barbosa Filho (2003) aponta como característica marcante deste meio de comunicação

a possibilidade de trabalhar com o imaginário popular. “Por tratar-se de um meio ‘cego’, a sua linguagem estimula a imaginação, envolve o ouvinte, convidando-o a participar da mensagem por meio de um ‘diálogo mental” (BARBOSA FILHO, 2003: 45).

Para fins da presente pesquisa, optamos pelo gênero jornalístico com o formato mesclado entre documentário e audiobiografia, pois verificamos que os autores não contemplam a inserção de sonoras sem textos de apoio. Desse modo, entendemos que o nosso trabalho configura um desafio do ponto de vista da linguagem. Na TV, formato semelhante é conhecido por meio de programas em emissoras de grande audiência, como é o caso do quadro “O que vi da vida”, exibido na revista eletrônica Fantástico (TV Globo). Contudo, para nós, um programa desta natureza ainda se revela como a apropriação de um conhecimento que precisa ser experimentado, razão pela qual consideramos oportuno o presente projeto experimental.

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória que, de acordo com Gil (2010), visa proporcionar uma visão geral acerca de um tema pouco explorado. Para o autor, este tipo de pesquisa tem uma menor rigidez no planejamento e, geralmente, configura o primeiro passo de uma investigação.

O método escolhido para trabalhar o objeto de estudo foi o biográfico. Segundo Gobbi (2008), as biografias são interessantes campos de estudo, pois combinam várias áreas do conhecimento, tais como o Jornalismo, a Antropologia e a História. De acordo com a autora, “mais que um desafio, escrever histórias de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura” (GOBBI, 2008: 84).

Foi escolhida como recurso metodológico a entrevista em profundidade que, consoante com Duarte (2008), serve para que se recolham respostas a partir da experiência de uma fonte. A técnica permite a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Para o autor, representa uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008: 62).

A priori, foi elaborado um esboço do programa de rádio; em seguida, foi identificada a viabilidade acadêmica da pesquisa e mercadológica do produto. Foi feito o planejamento de execução, bem como o pré-projeto de pesquisa. As próximas etapas envolvem a pré-produção, produção e pós-produção do programa de rádio.

1 RÁDIO E DISCURSO: CONVERGÊNCIAS TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS

A comunicação responde por uma necessidade elementar do homem, e este sempre se dedicou a encontrar formas de facilitá-la. Nesta perspectiva, o desenvolvimento das mídias potencializou o processo comunicativo, possibilitando o compartilhamento de mensagens com um maior número de pessoas. No presente trabalho, destacamos o veículo rádio, que mesmo em meio a avançadas tecnologias, ainda preserva sua importância.

Segundo Kaplún (2008), todo meio de comunicação possui especificidades, e com o meio radiofônico não é diferente. Nele não existem imagens visuais, “apenas” sons e as imagens auditivas que eles geram. O autor afirma que o rádio possui importantes vantagens enquanto veículo de massa. São elas: ampla difusão popular, simultaneidade, instantaneidade, largo alcance, baixo custo e acesso direto aos destinatários sem que estes necessitem se deslocar para a recepção.

Ao tratar das possibilidades e recursos do rádio, Kaplún (2008) inicia pelo poder de sugestão. Isso porque se por um lado o meio priva os receptores de imagens visuais, por outro oferece uma gama de imagens auditivas. Desta forma o autor coloca que:

Ser sugestivo no rádio é quase uma exigência, já que a eficácia da mensagem radiofônica depende, em grande medida, da riqueza sugestiva da emissão, de sua capacidade de sugerir, de alimentar a imaginação do ouvinte com uma variada proposta de imagens auditivas (KAPLÚN, 2008: 87).

Kaplún (2008) destaca que frente à limitação do rádio de se apresentar em um único sentido – do emissor para o receptor –, é aconselhável aliviar o peso da unidirecionalidade da mensagem recorrendo aos chamados recursos radiofônicos. O autor destaca que rádio não é composto apenas por palavra, mas também por música e sons. E que a linguagem musical é possui elevada intensidade expressiva e emocional.

1.1 A linguagem radiofônica

De acordo com Balsebre (2005), a função comunicativa da linguagem tem duplo aspecto: o código, repertório de possibilidades para produzir enunciados significantes; e a mensagem, que são variações particulares sobre a base do código. A linguística moderna

elege também um terceiro aspecto entre o código e a mensagem: o uso social e cultural.

A mensagem é um agrupamento de elementos que constitui uma sequência de signos reunidos segundo certas leis, e a comunicação só é possível quando o repertório de elementos é comum ao emissor e receptor. Desse modo, Balsebre (2005: 327) coloca que “quanto mais comuns e consensuais forem as estratégias de produção de significado, de codificação e de deciframento, mais eficazes serão as mensagens na comunicação emissor-receptor”.

O autor destaca que há também a necessidade de integrar a forma e o conteúdo, o semântico e o estético. O semântico é tudo o que diz respeito ao sentido mais direto dos signos, transmite o primeiro nível de significação do processo comunicativo. O estético é o aspecto da linguagem que trata da forma de composição da mensagem e se fundamenta na relação que o sujeito da percepção estabelece com os objetos de percepção.

As mensagens sonoras do rádio são uma sucessão ordenada, contínua e significativa de ruídos elaborados pelas pessoas, os instrumentos musicais ou a natureza, e classificados segundo os repertórios da linguagem radiofônica. A partir de Moles (1975, *apud* BALSEBRE, 2005), podemos designar a natureza estrutural da mensagem sonora do rádio em três sistemas expressivos: a palavra, a música e o ruído ou efeito sonoro. O autor, porém, não traz o silêncio em sua classificação, e o silêncio também transmite informação a ponto de ser considerado um elemento a mais da mensagem radiofônica.

Assim, a linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes.

Segundo Balsebre (2005), se a informação estética na linguagem gera-se através de uma excitação sentimental no processo comunicativo, e esta guarda uma conexão com o simbólico e o conotativo, a linguagem radiofônica precisa privilegiar em seu sistema semiótico aqueles elementos expressivos capazes de codificar o sentido simbólico. Logo, a utilização da música e dos efeitos sonoros na produção de enunciados significantes, como signos substitutivos de uma determinada ideia narrativa, pode superar muitas vezes o próprio sentido simbólico e conotativo da palavra.

As formas sonoras musicais produzem uma multiplicidade de sensações e contribui para a criação de imagens auditivas. E o uso conjunto da música com

a palavra gera uma harmonia peculiar. A realidade referencial objetiva é apresentada no rádio através dos efeitos sonoros. O sentido conotativo do efeito sonoro é obtido pela justaposição ou superposição deste com a palavra ou a música.

Para Balsebre (2005), o som e o silêncio definem de maneira interdependente a linguagem verbal. No rádio, o silêncio delimita núcleos narrativos e constrói um movimento afetivo. Quanto mais interno o sentimento, menos palavras poderão defini-lo.

O autor coloca que o desenvolvimento da tecnologia permitiu novas possibilidades à montagem radiofônica, contribuindo para a criatividade e a intenção comunicativa e expressiva do autor da mensagem. A montagem cria um novo conceito de real: a realidade radiofônica, que acaba sendo mais real que o real.

Apesar de nosso imaginário subvalorizar o silêncio, os estudos da Análise do Discurso mostram que este elemento da linguagem radiofônica contribui para a materialização da imagem mental, fazendo que o ouvinte não seja um receptor passivo e crie sua própria cenografia. Assim, Baumworcel (2005: 339) destaca que “o silêncio da ao dizer a possibilidade de ter vários significados. O emissor constrói a dramaturgia da realidade, mas é o ouvinte, em silêncio, quem produz suas próprias ilusões”.

Inserido entre as sensações acústicas, o silêncio serve como elemento distanciador, que permite a reflexão, criando um espaço para que o ouvinte continue a narrativa interrompida durante alguns segundos. As combinações entre palavra, música, silêncio e efeitos especiais criam melhores condições para os ouvintes produzirem as imagens auditivas, fundamentais para a percepção da mensagem.

1.2 Da análise do discurso ao discurso radiofônico

Brandão (2004) afirma que qualquer estudo da linguagem se utiliza de Saussure, seja reafirmando suas postulações teóricas, seja rejeitando-as. E que ela vai recorrer ao autor para abordar a dicotomia língua x fala. A autora pondera que essa dicotomia é limitada por conta da exclusão da fala do campo dos estudos linguísticos. Ela afirma que certos autores sentiram esse engessamento que elege como objeto da linguística apenas a língua, tomando-a como algo abstrato e ideal a constituir um sistema sincrônico e homogêneo.

A autora destaca que o percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo a ser expresso à objetivação externa é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos.

Nessa perspectiva, fica evidente que uma linguística que se limita ao estudo interno da língua não pode dar conta de seu objeto. É necessário articular o linguístico e o social, buscando as relações que vinculam a linguagem à ideologia. Desse modo, a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se concretiza.

A linguagem enquanto discurso é interação; ela não é neutra e nem natural, por isso o lugar privilegiado para manifestação da ideologia. Seu estudo não pode ser desvinculado de suas condições de produção. Esse é o enfoque assumido pela análise do discurso.

Charaudeau (2005) afirma que as mídias sempre foram estudadas dos pontos de vista sociológico e sócio-econômico, e destaca a necessidade de que sejam alvo de estudo por parte da Linguística de modo que seja considerada a dimensão psicossocial da linguagem. O autor se concentra então no estudo das condições de produção de um texto, no estudo do produto final e no estudo das interpretações que esse texto gera.

Ele diz que o estudo do discurso das mídias não pode se contentar com uma análise do produto final - no nosso caso, o que se passa pelas ondas do rádio. É preciso estudar o que se passa antes do texto. Desse modo, convém observar o processo de produção para identificar os desafios aí presentes e se questionar se estes incidem na apresentação do produto. Também se faz necessária a observação do sistema de representação da prática profissional, ou seja, como o sujeito que produz um texto concebe seu projeto de apresentação do produto final em função dos efeitos que se deseja produzir nos destinatários.

Para o autor, o estudo do discurso das mídias pelo produto final impõe quatro tipos de problemas: 1) as marcas só podem ser consideradas de maneira formal se há a certeza de que a palavra só faz sentido dentro do contexto; 2) um texto é um conjunto de gêneros discursivos que dialogam, e é preciso estabelecer quais são as fronteiras entre eles; 3) é preciso identificar os índices semiológicos (aspecto lexical, fonético, gestual etc.) que vão permitir deduzir as possíveis interpretações do texto; e 4) é necessário considerar as variáveis da significação, no caso, o tempo e o espaço.

Já o estudo das interpretações é guiado pela percepção daqueles que desempenham o papel de consumidor das mídias. Ou seja: trata-se da análise dos efeitos que o produto final produz nos receptores em paralelo com os efeitos possíveis deduzidos quando da análise interna.

Adiante, Charaudeau (2008) faz considerações acerca do gênero entrevista na apresentação radiofônica. Ele aborda as limitações físicas do meio, já que o ouvinte não participa ativamente da interlocução, restrita ao

entrevistador e ao entrevistado. Por outro lado, ele coloca o ouvinte como um terceiro protagonista da interlocução, já que testemunha o que é dito.

Neste presente trabalho, a interlocução ocorreu, mas foi propositalmente ocultada do ouvinte. Isso porque vislumbramos um formato no qual o entrevistado relata sua trajetória em voz única, de modo linear e inteligível. Essa composição foi possível graças à conduta dos entrevistadores no decorrer da entrevista e ao processo de edição.

A ausência da interlocução no produto final não significa, no entanto, que a interação entrevistador-entrevistado não tenha influenciado no discurso do personagem, pois o conjunto de nossos comportamentos, em algum grau, orientou a fala, o tom da fala e as escolhas do entrevistado ao longo da conversação.

2 GÊNEROS E FORMATOS RADIOFÔNICOS: A HIBRIDIZAÇÃO DE LINGUAGENS

De acordo com Vicente (2013), a questão sobre os “gêneros” é muito polêmica, pois não há consenso entre os pesquisadores. Entretanto, o autor considera que este debate é muito relevante, pois fornece condições para uma compreensão didática das possibilidades que o rádio apresenta. Ele traça uma diferenciação entre gênero e formato no rádio:

Antes de mais nada, devemos fazer a diferenciação entre gênero e formato radiofônico. Consideramos como de gênero radiofônico uma classificação mais geral da mensagem, que considera o tipo específico de expectativa dos ouvintes que ela visa atender. Os gêneros radiofônicos que apresentaremos aqui serão o publicitário ou comercial, o jornalístico ou informativo, o musical, o dramático ou ficcional e o educativo-cultural. Formatos radiofônicos são os modelos que podem assumir os programas realizados dentro de cada um dos diferentes gêneros (VICENTE, 2013: 01).

Os conteúdos dos programas de rádio influenciam diretamente em suas classificações de gênero, que segundo a proposta de Barbosa Filho (2003) podem ser divididos em: jornalístico, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço, especial e educativo-cultural. De acordo com o autor, essa classificação está relacionada à função específica que cada gênero tem diante da audiência. A priori, trabalhamos com dois gêneros: o jornalístico e o educativo-cultural.

Barbosa Filho (2003) define o gênero jornalístico como um instrumento do rádio que serve

para atualizar o público por meio da divulgação. O autor enfatiza que os relatos gerados neste gênero pedem conteúdos com características subjetivas, pois podem apresentar opiniões particulares sobre os acontecimentos.

Para Vicente (2013), este gênero também pode ser chamado de informativo. Ele aponta que alguns autores dividem esse segmento em duas frentes: gênero jornalístico (com notícias mais isentas) e gênero opinativo (com mais subjetividade); entretanto, adotaremos a nomenclatura apresentada por Barbosa Filho (2003), considerando este conjunto como um só gênero, o jornalístico, por acreditarmos que a objetividade jornalística é inalcançável.

De acordo com Genro Filho (1997), alguns autores apontam uma objetividade teórica, mas reconhecem que a objetividade, na prática, é utópica – embora seja possível a ter como meta de trabalho.

A maioria dos autores reconhece que a objetividade plena é impossível no jornalismo, mas admite isso como uma limitação, um sinal da impotência humana diante da própria subjetividade, ao invés de perceber essa impossibilidade como um sinal da potência subjetiva do homem diante da subjetividade (GENRO FILHO, 1997: 186).

Barbosa Filho (2003) cita como formatos pertencentes ao gênero jornalístico: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica. Neste íterim, buscamos compreender com mais afinco o formato de documentário jornalístico.

O formato de documentário jornalístico, para Barbosa Filho (2003), representa uma análise sobre um tema específico; é o desenvolvimento de uma investigação sobre fatos reais, de interesse atual, com conotação não-artística e tem como função principal aprofundar um assunto construído com a participação de um repórter condutor.

Consoante com ele, o formato mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco* e comentários de envolvidos no acontecimento ou de especialistas. O documentário jornalístico é realizado por meio de uma edição final do material produzido em áudio (montagem), unido a matérias gravadas ou a cabeças e matérias temporais “ao vivo”.

Vicente (2013) chama este formato por documentário radiofônico, apontado como um formato híbrido que pode incorporar elementos de outros gêneros, “já que pode incluir entrevistas, depoimentos pessoais, opiniões e dramatização de textos e acontecimentos. Para

tanto, necessariamente exige o uso de música e efeitos” (VICENTE, 2013: 03).

De acordo com Kaplún (1968, *apud* BARBOSA FILHO, 2003), o formato em questão tem semelhanças com a reportagem cinematográfica devido à sua função informativa. “É uma monografia radiofônica sobre um tema dado. Uma breve exposição, sem sua completa apresentação. Pode durar meia hora ou pelo menos quinze a vinte minutos” (KAPLÚN, 1968, *apud* BARBOSA FILHO, 2003: 102). Ortriwano (1985, *apud* BARBOSA FILHO, 2003) chama este formato de “informativo especial” e ressalta que

A rigor, sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica. Mas o programa especial pode também ser apresentado com periodicidade fixa, escolhendo-se fatos importantes para serem analisados em cada uma de suas edições (ORTRIWANO, 1985, *apud* BARBOSA FILHO, 2003: 103).

A explanação da autora corrobora com a ideia do trabalho, pois pretendemos desenvolver um programa radiofônico fixo que contempla este formato, característica que nem sempre é rogada ao documentário jornalístico radiofônico. Para Pessoa (2010), no entanto, o informativo ou programa especial não equivale ao radiodocumentário – nomenclatura adotada por ela.

Pessoa (2010) ainda aponta que o formato está em vias de extinção no Brasil. Segundo ela, a tendência é que as emissoras FM e AM invistam na cobertura factual, mantendo formatos tradicionais. Na programação jornalística predominam: o rádiojornal, o boletim informativo, os programas de debates e as mesas redondas. Para a autora, o radiodocumentário requer uma produção mais complexa, com uma pesquisa aprofundada. Ferrareto (2001, *apud* PESSOA, 2010: 497) é mais específico ao falar sobre o formato:

Pouco frequente no Brasil, o documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio.

Pessoa (2010) ainda ressalta que todo documentário deve se pautar em uma história interessante que tome forma própria. Além disso, ela recomenda a exploração de sons captados *in loco*, pois eles ajudam na

criação de um clima, transpondo o ouvinte à história que está sendo contada. Outros recursos sonoros também são necessários, como a música.

Outro gênero com o qual trabalhamos, além do jornalístico, é o educativo-cultural. De acordo com Barbosa Filho (2003), este gênero é um dos alicerces da programação de rádio em países desenvolvidos; no Brasil, é um gênero pouco trabalhado nas rádios. Na visão do autor, devido à comercialização e à consequente banalização dos conteúdos dos programas atuais, não são desenvolvidos projetos com vistas a instruir e educar por meio do rádio.

Ele aponta que os formatos que compõem esse gênero são explorados em algumas emissões das programações educativas, mas que se fossem devidamente utilizados poderiam ter destacada importância diante da cidadania brasileira.

No passado, a função educativa do rádio foi bastante explorada. Na contemporaneidade, a prática do ensino é fortemente atrelada ao uso de recursos audiovisuais. Nesse contexto, Barbosa Filho (2003) afirma que o áudio tem uso bastante apropriado como parte de uma estratégia de difusão de conhecimentos, devido à sua linguagem do imaginário. Ele aponta a Educomunicação como um campo que suscita vários debates acerca desta questão.

De acordo com Barbosa Filho (2003), o gênero radiofônico educativo-cultural possui como principais formatos: programa instrucional, documentário educativo-cultural, programa temático e audiobiografia, sendo este último o que nos interessa, dentro desse gênero educativo-cultural, para o trabalho em questão. Para Vicente (2013: 04), a audiobiografia equivale a um “programa que se concentra em discutir a vida e obra de uma determinada personalidade”. Já de acordo com Barbosa Filho (2003: 112), a audiobiografia

É o formato radiofônico em que o tema central é a vida de uma personalidade de qualquer área de conhecimento e que visa divulgar seus trabalhos, comportamentos e ideias. A audiobiografia poderia ser equiparada, no que concerne ao uso de ferramentas características da linguagem radiofônica, aos formatos diversionais ficcionais. Seu caráter educativo, porém, prepondera sobre os elementos de entretenimento que arregimenta.

Propomos nesse estudo uma hibridização, primeiramente, entre os gêneros jornalístico e educativo-cultural, tendo em vista que o programa radiofônico proposto contempla um formato do gênero jornalístico, o documentário jornalístico, e um formato do gênero educativo-cultural, a audiobiografia. Passearemos entre

estes dois formatos, que possuem diferentes linguagens, para desenvolver nosso novo formato, o *documentário audiobiográfico*.

As características do documentário jornalístico são mantidas em nossa proposta, porém restringimos o foco a apenas uma personalidade; no nosso caso, trabalhamos com a classe política. Da audiobiografia, extraímos quase todas as características, porém com uma peculiaridade, a discussão da vida e obra da personalidade é feita exclusivamente por ela própria.

3 A VIDA PRIVADA DO HOMEM PÚBLICO: UMA PROPOSTA DE PROJETO EXPERIMENTAL

Diante da necessidade de pôr em prática o novo formato proposto de documentário audiobiográfico, elaboramos uma proposta de programa de rádio intitulado *A vida privada do homem público*. O objetivo do projeto é desenvolver um produto radiofônico no qual as figuras públicas tenham espaço para falar de suas memórias e histórias de vida, a partir de seus próprios pontos de vista.

A vida privada do homem público é uma série sobre políticos, com planejamento de 10 programas com 17' aproximadamente, cada, contemplando os gêneros jornalístico e educativo-cultural, em formato de documentário audiobiográfico. O público-alvo é composto por homens e mulheres dos 16 aos 60 anos, das classes sociais A, B e C. A periodicidade de veiculação seria. O personagem selecionado para o programa piloto foi Garibaldi Alves Filho, com produção de Divino Rufino e Juliana Bulhões, roteiro e locução de Divino Rufino e edição de Eduardo Pandolphi, que utilizou os programas Sound Forge Pro 10.0 e Samplitude 7.0.

A primeira temporada é sobre políticos potiguares. Os sujeitos dos programas foram selecionados por amostragem, de acordo com a relevância de suas carreiras. São eles: Garibaldi Alves Filho, ministro da Previdência Social; Rosalba Ciarlini, governadora do Rio Grande do Norte; Robinson Faria, vice-governador do Rio Grande do Norte; Carlos Eduardo Alves, prefeito de Natal; Wilma de Faria, vice-prefeita de Natal; Paulo Davim, senador; Henrique Eduardo Alves, deputado federal; Fátima Bezerra, deputada federal; Fernando Mineiro, deputado estadual; e Ricardo Mota, deputado estadual. Para efeitos deste trabalho, iniciamos o nosso projeto com a vida privada de Garibaldi Alves Filho.

3.1 Programa piloto: A vida privada de Garibaldi Alves Filho

O ministro da Previdência Social Garibaldi Alves Filho foi escolhido para abrir nossa série de documentários sobre políticos do Rio Grande do Norte por se tratar de uma figura de relevância nacional, com alto grau de conhecimento junto à população potiguar.

A pré-produção do programa compreendeu minucioso levantamento sobre o histórico político e pessoal do entrevistado. Em seguida, foram estabelecidos contatos via e-mail e telefone com a assessoria de imprensa do ministro por cerca de dois meses. A entrevista foi finalmente realizada no dia 10 de maio de 2013. Este evento marca o início da produção do programa.

O encontro durou cerca de uma hora e foi marcado pela cordialidade e descontração. Primeiramente, foi explicada a Garibaldi a proposta do programa e de que forma se daria sua execução. O ministro foi estimulado a falar sobre as diferentes fases de sua vida: infância, adolescência e vida adulta. O objetivo era esmiuçar as memórias do entrevistado de modo a construir uma narrativa linear permeada por lembranças íntimas. Embora a política não seja o foco deste projeto, ao longo de seus relatos, o personagem acabou abordando o tema, ainda que de modo superficial. Suas falas foram captadas por três aparelhos gravadores de áudio.

A pós-produção do programa foi marcada pela captação e conferência dos áudios gravados. Os áudios brutos foram entregues ao editor, Eduardo Pandolphi, que trabalhou no material junto aos idealizadores do programa. A roteirização teve três etapas: primeiro, foi elaborado um roteiro de decupagem para retirar as falas dos entrevistados; depois, foi feita uma versão de roteiro já com uma narrativa construída; por último, foi elaborado o roteiro final, com as marcas de recursos sonoros. Os efeitos sonoros – ruídos, música, silêncio – foram privilegiados em consonância com a nossa proposta de construir uma narrativa ilustrada, de modo a garantir um produto final dinâmico e agradável ao ouvinte.

A promoção do projeto se dará via rádio, Twitter e por meio de uma página no *Facebook*, na qual serão disponibilizados os arquivos dos programas, armazenados em formato *podcast*. Além dos documentários na íntegra, serão oferecidos aos internautas trechos inéditos das entrevistas, fotografias e curiosidades dos bastidores de cada encontro. Os internautas também terão a oportunidade de opinar sobre o conteúdo, sugerir nomes de próximos entrevistados e compartilhar o material disponível com seus contatos.

Tais estratégias reforçam a ideia de convergência midiática almejada para o trabalho. Jenkins (2008)

afirma que a revolução digital iniciada na década de 90 presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, mas que, como podemos observar, esta perspectiva não se confirmou. Para ele, a convergência representa uma transformação cultural, na medida em que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e operar conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a classe política é estigmatizada pela população como corrupta, e sua reputação está frequentemente em crise. Repetidos episódios de malfeitos envolvendo a coisa pública reforçam e justificam esse sentimento popular. Ocorre que toda generalização, inclusive no campo da política, tem seus prejuízos. Desta forma, seria interessante revelar a história de vida de cada agente político, de modo a patrocinar uma possível diferenciação dos sujeitos.

Acreditamos que atingimos o objetivo central do trabalho, que foi desenvolver um projeto experimental radiofônico sobre as memórias de políticos do Rio Grande do Norte. A partir deste trabalho pudemos observar os discursos que surgem em um diálogo informal com um homem público. Isso mostra que o político - apesar do mito formado em torno dele - é também humano. Por meio do conhecimento da história de vida dos agentes políticos, a população pode compreender melhor a atuação política destes.

Sob a perspectiva social, o programa pode contribuir para a formação de uma identidade política local, já que muitas vezes políticos da esfera global têm suas histórias mais difundidas do que os da nossa região. Esta perspectiva do programa pode favorecer o eleitor, visto que ele passa a conhecer melhor os candidatos e suas histórias.

Destacamos que é de extrema necessidade valorizar o rádio e seu poder de alcance, ainda que a popularização de novas tecnologias suscite debates sobre o fim das mídias tradicionais. Tal meio de comunicação ainda pode ser muito explorado, e seus gêneros e formatos ainda representam um campo de pesquisa comunicacional bastante abundante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Balsebre, A. (2005) A linguagem radiofônica, in Meditsch, E. *Teorias do Rádio: Textos e Contextos*, volume I. Florianópolis, Insular.

Barbosa Filho, A. (2003) *Gêneros radiofônicos*. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo, Paulinas.

Baumworcel, A. (2005) Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio, in Meditsch, E. *Teorias do Rádio: Textos e Contextos*, volume I. Florianópolis, Insular.

Brandão, H. H. N. (2004) *Introdução à análise do discurso*. 2. Ed. Campinas-SP, Editora da Unicamp.

Charaudeau, P. (2005) Problemas de análises das mídias, in Meditsch, E. *Teorias do Rádio: Textos e Contextos*, volume I. Florianópolis, Insular.

Duarte, J. (2008) Entrevista em profundidade, in Duarte, J.; Barros, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. Ed. São Paulo, Atlas.

Genro Filho, A. (1997) *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. 3. Ed. Porto Alegre, Ortiz.

Gil, A. C. (2010) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. Ed. São Paulo, Atlas.

Gobbi, M. C. (2008) Método biográfico, in Duarte, J.; Barros, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. Ed. São Paulo, Atlas.

Jenkins, H. (2008) *Cultura da convergência*. São Paulo, Aleph.

Kaplún, M. (2008) A natureza do meio: limitações e possibilidades do rádio, in Meditsch, E.; Zuculoto, V. (Orgs.). *Teorias do Rádio: Textos e contextos*, volume II. Florianópolis, Insular.

Pessoa, S. C. (2010) Radiodocumentário: gênero em extinção ou locus privilegiado de aprendizado? in Ferrareto, L. A.; Klöckner, L. (Orgs.). *E o rádio?* Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre, Edipucrs, pp. 494-505.

Vicente, E. (2013). *Gêneros e formatos radiofônicos*. [ebook] Núcleo de Comunicação e Educação - NCE-ECA/USP. Disponível em: <<http://www.bemtv.org.br/portal/educar/pdf/generoseformatos.pdf>>. Acedido a 14 de fevereiro de 2013.